

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

XVIII

que por vezes assume a prosa do Santo e onde se poderá vislumbrar uma atenção voltada para as ideias, desinteressada dos primores do estilo, é encarecido pelo A. de forma talvez pouco ajustada à realidade. Assim, por exemplo, a p. 122, afigura-se-nos desproporcionado ao trecho citado o comentário do Autor: numa enumeração de factos históricos, meramente informativa e desprovida de quaisquer ornatos estilísticos, vê o A. nada menos que «solenidade austera e quase hierática».

Marcaremos ainda a nossa discordância sobre um pequeno pormenor. A p. 128 transcreve o A. o seguinte período de Santo Isidoro:

Sol appellatus eo quod solus appareat, obscuratis fulgore suo cunctis sideribus (3, 71, 1).

E, mais adiante, acrescenta o seguinte comentário:

«No exemplo 1) o Sol aparece em seu fulgor e em sua solidão, e estas duas qualidades são aptas para reproduzir a imagem grandiosa, que não teria logrado a mesma eficácia com uma descrição mais cuidadosa e astronómicamente mais completa. Num caso como este, pode-se falar de um período muito ingénuo?»

Não vemos motivo que justifique estas palavras do Autor. No texto de Santo Isidoro apresenta-se uma etimologia, não se pretende fazer a descrição científica dum astro. O período reduz-se, portanto, aos elementos que interessam, eliminando tudo aquilo que seria supérfluo e deslocado.

Estas são, no entanto, pequenas manchas em livro tão valioso sob muitos aspectos. A Mancini fica devendo uma notável homenagem o alto espírito do sábio Bispo de Sevilha.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

John Jackson, **Marginalia Scaenica**. Oxford Classical and Philosophical Monographs. Oxford University Press, 1955. IX + 250 pp.

Um dos problemas mais sérios e, aparentemente, um dos mais áridos no campo dos estudos clássicos, é a fixação dos textos dos autores. Dada a condição precária em que os manuscritos e os paleótipos chegaram até nós, numa altura em que o trabalho de retransmissão da obra escrita dependia inteiramente da ciência e da atenção do copista, não é de estranhar que a lição de certos passos tenha levantado largos debates entre os eruditos mais eminentes e suscitado problemas cuja solução ainda hoje não se pode divisar. Uma investigação de tal ordem exige daquele que a

empreende, além de um vasto saber paleográfico, não só um profundo conhecimento dos dialectos helénicos, mas também uma agudeza literária e uma sensibilidade estética que são o apanágio de todo o bom humanista.

A Inglaterra, onde a educação clássica vigora em plenosplendor, possui uma pléiade brilhante de estudiosos das humanidades greco-latinas, tendo até os nomes de alguns deles, como o do falecido professor Gilbert Murray e Sir Maurice Bowra, franqueado os umbrais de uma popularidade, que o grande público reserva geralmente para o escritor de temas mais ligeiros e obra de menor tomo. Por vezes uma extrema modéstia afasta da glória da cena pública e dos louros das academias o investigador probo e sagaz para quem se tornou mais compensador a clarificação de algum passo difícil que o louvor de seus contemporâneos. Está neste caso a obra do erudito Jackson, aparecida postumamente, devido aos bons officios de outro sábio humanista, o professor Eduard Fraenkel, que prefacia o volume e nos dá alguns dados significativos sobre a sua composição. Produto, inicialmente, de algumas notas de leitura publicadas em 1941 no *Classical Quarterly* (vol. xxxv), as quais despertaram vivo interesse entre os especialistas, este livro foi escrito ao longo de vários anos de um labor paciente e continuado.

Contrariamente ao que o título parece indicar, a sériede anotações e comentários críticos, que constituem o conteúdo do presente trabalho, não se refere unicamente a certos passos — alguns deles dos mais controvertidos — dos poetas dramáticos gregos. Seguindo o fio de uma investigação, cujo terreno, por sua própria natureza, está semeado de ciladas, de surpresas e inesperado, o autor foi levado a cotejar os mais variados textos e, por um processo de esclarecimento dialéctico, resultante desse mesmo confronto, viu resolvidas dificuldades e descobriu novo sentido em passos de prosadores como Heródoto, Luciano, Lisias, Platão, Plutarco, Teofrasto e Xenofonte. Divertículo do tema central, muitas das suas correcções, como no caso de Plutarco, podem considerar-se definitivas.

O editor chama, no entanto, a atenção para certas discrepâncias do aparato crítico, particularmente visíveis nas citas. Assim as linhas do verso e os capítulos e parágrafos dos textos dos prosadores, por vezes provenientes de edições diferentes, foram normalizados no seu conjunto pelo professor E. Fraenkel, a quem se devem ainda os índices geral, vocabular e de passos dos autores estudados.

Numa obra deste tipo não se pode esperar uma unidade sistemática na apresentação dos materiais estudados. Vê-se que não foi fácil a tarefa que coube ao editor ao ter de arrumar uma massa de elementos tão heterogêneos e algumas objecções se poderão levantar quanto ao critério adoptado. O método que presidiu à organização do volume foi fundamentalmente paleográfico. O livro está dividido em cinco partes (*Transposições de versos, palavras e letras. — Omissões e glosas. — Miscelânea, — Addenda: A. Repetições inconscientes do poeta; B. Repetições*

inconscientes do copista; C. Transposições; D. Seis notas suplementares. — Notas extensas.) e oferece, na totalidade, uma excelente fonte de informação.

Mas a sua consulta impõe quase sempre um exame cauteloso das observações coligidas na *Miscelânea*, pois nela o autor ora é guiado pela colação do texto, independentemente do género a que pertence, ora por uma associação de formas e sintagmas, que o levam à análise do conteúdo. As próprias condições do exame crítico e a necessidade em que o autor se vê de trabalhar em planos ambivalentes estão, por vezes, tão estreitamente ligadas, que é arriscado tentar uma classificação mais articulada dos passos estudados.

No entanto talvez valesse bem a pena ter procurado outra ordem na disposição do material que constitui a *Miscelânea*. O próprio termo é incaracterístico e deixa o leitor desprevenido, porque não há em todo o volume qualquer referência à importância que nele tem a dita secção. Todavia a *Miscelânea* é um dos meridianos principais desta obra pelas implicações e associações que tem com muitos comentários feitos noutros capítulos. O editor procurou suprir os inconvenientes da solução adoptada nos índices que juntou no final do livro e, sem dúvida alguma, conseguiu-o até certo ponto. Mas a acessibilidade e a prontidão de consulta para o estudioso está ligeiramente prejudicada por uma tal forma de compartimentação.

É praticamente impossível dar aqui uma ideia dos inúmeros problemas de crítica textual que são abordados pelo erudito Jackson.

O exame atento de todos eles há-de levar vários anos e só o uso diurno deste livro pelos estudiosos tornará exequível no futuro quaisquer prováveis correcções de pormenor. E isto porque o autor é profundamente convincente, quando apresenta o seu ponto de vista, o que faz sempre à luz de uma objectividade lógica e com uma elegância de exposição, ao discordar dos comentadores que o precederam, que não podemos deixar de sentir a boa razão do seu argumento. Através da tradução de alguns breves passos das obras que analisa, vê-se que Jackson tinha notáveis aptidões de tradutor, que pena foi não terem sido aproveitadas. Uma tal afirmação poderá parecer banal, mas a verdade é que não basta o conhecimento profundo da língua de origem para se ser um bom tradutor. É necessário ainda o conhecimento da língua terminal. E Jackson dá-nos algumas versões que são absolutamente exemplares e provam, ao mesmo tempo, o domínio estilístico e a plasticidade de forma que ele possuía do seu próprio idioma.

A sua discriminação crítica dos textos gregos assinala-se particularmente na releitura a que procede de certos excertos das tragédias de Eurípidés (pp. 1-54) e de alguns passos de Aristófanes. O autor combina aí dois processos de análise que se revelam fecundos: o exame rigoroso das estruturas rítmicas da tragédia ática e a interpretação do significado vocabular no contexto observado. O resultado obtido é quase sempre feliz e não poucas vezes surpreendente pela perspicácia com

que o comentador descobre confluções de termos até agora ignoradas. Muito penetrante é ainda o seu estudo dos grafemas vocálicos e ditongais *ε, εν, ον* (pp. 74-78) cuja confusão frequente nos copistas tem induzido mais de um editor arguto em lições erróneas.

Jackson nunca é enfadonho na argumentação, embora cubra um campo ingrato, e matiza as suas páginas de um colorido e de reflexões literárias, que provam ainda um vasto conhecimento das letras modernas e o situam à altura do ideal do verdadeiro humanista definido no princípio destas linhas.

Luis DE SOUSA REBELO

MANLIO SIMONETTI, *Studi agiografici*. Roma, Angelo Signorelli Editore, 1955. 136 pp.

Podemos sem receio afirmar que estes *Studi agiografici* representam um contributo valioso para o estudo da literatura cristã dos primeiros séculos.

Conquanto Manlio Simonetti, num ou noutro caso, tenha ficado apenas no campo das hipóteses, na maioria das vezes resolveu com inteira proficiência problemas delicadíssimos de atribuição, autenticidade, crítica textual e cronologia. Examina, com renovada atenção, assuntos sobre os quais competentes críticos pareciam ter dito a última palavra. Com Ettore Paratore, prefaciador da obra, podemos afirmar que a solução proposta pelo A. é sempre, ou pelo menos as mais das vezes, honesta, ainda que sintamos à primeira vista a tentação de seguir uma hipótese contrária.

Cinco capítulos compõem o estudo que passamos a examinar.

O primeiro, ao qual o A. dá maior desenvolvimento, trata dos *Actos* do martirio de S. Piônio, documento dos mais interessantes da hagiografia de Esmirna e considerado, através dos tempos, de grande valor, visto o seu autor confessar ter-se sentido, para elaboração do seu trabalho, de um documento escrito pelo próprio mártir. Conhecem-se, além de uma redacção numa língua oriental e de pouco valor, duas outras redacções, uma em grego e outra em latim, que sempre mereceram o crédito dos estudiosos. Mas terão, de facto, estes *Actos* o mérito que se lhes atribui? Ou, pelo contrário, terão sido refundidos? Se o foram, em que medida? É o que o A. se propõe estudar.